

**TEOLOGIA DA MÚSICA CANTADA NA IGREJA:
UMA ANÁLISE A RESPEITO DA NECESSIDADE DA
HERMENÊUTICA EM HINOS E CÂNTICOS DO CULTO**

THEOLOGY OF THE MUSIC SINGING IN THE CHURCH: AN ANALYSIS OF THE
NEED OF HERMENEUTICS IN HYMNS AND WORSHIP SONGS

Hariet Wondracek Krüger¹

RESUMO

Muito da Teologia das igrejas evangélicas atuais vem dos hinos e cânticos executados nos cultos e *shows gospel* atuais. Este fenômeno tem trazido uma interpretação fraca e falha das Escrituras, executada de acordo com o padrão das pessoas que frequentam a igreja, formando clientes de algumas doutrinas que apoiam valores do mundo, sem dar prioridade à verdade bíblica em si. É necessária a busca pelo retorno dos objetivos da música e do culto de acordo com a Bíblia. Para isto, o estudo hermenêutico das letras dos cânticos e hinos cantados torna-se imprescindível.

Palavras-chaves: Música. Culto. Hermenêutica. Ensino.

ABSTRACT

Much of the theology of today's evangelical churches comes from hymns and songs performed in the services and current gospel shows. This phenomenon has brought a weak interpretation and failure of Scripture, performed according to the standard of

¹ Mestrado em Teologia Profissional pela FABAPAR (Curitiba/PR), Mestrado em Teologia com concentração em Ministério da Música pelo STBSB (Rio de Janeiro/RJ), Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER (Curitiba/PR), Bacharel em Sociologia pela UNIJUI (Ijuí/RS), Bacharel em Música Sacra pelo STBSB (Rio de Janeiro/RJ). Professora da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: harietwk@hotmail.com

those who attend church, forming customers of some doctrines that support values of the world, without giving priority to Bible truth itself. The search for the return of the song objectives and worship according to the Bible is needed. For this, the hermeneutic study of the lyrics of songs sung hymns and it is essential.

Keywords: Music. Cult. Hermeneuthics. Teaching.

INTRODUÇÃO

Muitos dos líderes das igrejas evangélicas, especialmente as consideradas tradicionais, têm se preocupado com a qualidade da interpretação da Bíblia que aparece nos cânticos e hinos entoados durante os cultos pela congregação e pelos chamados “grupos de louvor”. Tem-se notado que os critérios para a adoção das músicas geralmente não passam pelo interesse em analisar seus reais sentidos e sua relação fiel com os textos ou ensinamentos bíblicos, mas pela popularidade do cantor ou da banda que as acompanha, pelo tipo de ritmo, pela forma como se espera que a congregação reaja e, especialmente, pelo gosto pessoal do “ministro” de louvor.

Ao mesmo tempo, há muito interesse por parte das igrejas em estar “em dia” com o mercado *gospel*, cantando o que todos cantam, da forma como está em uso na maioria dos cultos das mais diversas denominações. A fonte desses cânticos quase nunca é avaliada, vinda várias vezes de grupos que pertencem a movimentos paralelos às igrejas evangélicas tradicionais, que se apresentam em *shows* polêmicos, com manifestações e “ministrações” questionáveis bíblicamente, cujos trejeitos e vocabulário são repetidos indiscriminadamente. De fato, torna-se evidente que o estudo hermenêutico da música cultivada pelas denominações evangélicas deve ser realizado criteriosamente e já.

1. A SITUAÇÃO ATUAL EM RELAÇÃO AOS OBJETIVOS BÍBLICOS DO CULTO E SUA MÚSICA

O culto público das igrejas tem se tornado muito importante. É um dos principais atos coletivos das congregações, estabelecendo pontos de contato com o mundo por meio de sua música, de suas apresentações e de mensagens as mais diversas. Considerado como “porta de entrada” da própria denominação, muitas vezes o primeiro lugar aonde os não evangélicos vão, o culto é atualmente relacionado, e de perto, ao evangelismo e ao crescimento da igreja, sendo geralmente considerado nesse contexto.²

Muito tem sido escrito e debatido a respeito das razões e definições do culto

²BASDEN, Paul. *Estilos de louvor*. Trad. Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. p. 30-31.

cristão, mas é certo que nenhuma linha tem sido definida com exatidão. Geralmente é relacionado à liturgia ou *leitourgia*. Essa palavra é erroneamente relacionada à tradição e formas antigas de adoração. Na realidade, a palavra tem significado múltiplo, já que é uma composição de “trabalho” (*érgon*) e “povo” (*laós*), melhor traduzido como “trabalho do povo” ou “trabalho coletivo”.³ Culto litúrgico seria, portanto, um culto no qual o povo pode participar ativamente.

Outro sentido interessante para o culto, especialmente quando relacionado ao Novo Testamento, é a sua ligação com *Kerygma* (proclamação), *Koinonia* (comunhão) e *Leitourgia* (adoração coletiva). Nesse caso, as pessoas ouvem o Evangelho que é proclamado, respondem a ele positivamente e oferecem seu louvor e oração a Deus.⁴ Pode-se ver, portanto, a importância do evento chamado de “culto” em todas as igrejas, envolvendo grande número de pessoas.

Justamente por isto é necessário revisar toda a doutrina que é ensinada, tanto na palavra quanto nas músicas. O escritor e teólogo John F. MacArthur assim se refere ao assunto:

Muitos creem que [...] as reuniões da igreja deveriam entreter os incrédulos, de forma a gerar uma experiência que torne Cristo mais ‘apetecível’ para eles. Cada vez mais, as igrejas estão trocando a pregação da Palavra por dramatizações, *shows* variados e coisas semelhantes.⁵

Embora a Bíblia não seja contra as manifestações artísticas no culto, o fenômeno do entretenimento é muito frequente. O que se observa são as apresentações selecionadas por meio do gosto pessoal, aliadas à tendência atual de hedonismo, tão frequente na sociedade contemporânea. As pessoas assistem (mais do que participam) a cultos nos quais ouvem aquilo que querem ouvir, de acordo com seu gosto e necessidade pessoal.

O Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho é um dos conhecidos estudiosos do assunto. Na criação dos termos “adoracionismo” e “louvorismo”, chama a atenção para o fato de a música presente nos cultos fazer parte dos desvios de propósito que os mesmos têm sofrido, de forma que a modelagem das músicas cantadas e suas “ministrações” por parte dos dirigentes estejam de acordo com o que a maioria espera encontrar para seu próprio deleite, sem maiores preocupações com o que está sendo memorizado como verdade bíblica.

³ WHITE, James F. *Introduction to a Christian worship*. Nashville: [s.e.], 1981. p. 23.

⁴ LIESCH, Barry. *Nova adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais*. Trad. Jorge Camargo. São Paulo: Ecclesia, 2003. p. 138.

⁵ MACARTHUR JR, John F. *Nossa suficiência em Cristo: três influências letais que minam sua vida espiritual*. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2001. p. 24.

Eis o que digo: penso que o ‘adoracionismo’ ou ‘louvorismo’ que grassa em nossas igrejas é uma arma diabólica para deixar os crentes enfurnados, fazendo o que gostam, cantando ingenuidades que não definem bíblicamente quem é Deus, o que é a igreja, qual a missão dos crentes, ao invés de levá-los ao testemunho. [...] O adoracionismo ou louvorismo tem desviado a igreja de sua missão e a levado a exhibir (por causa dos cânticos banais, sem conteúdo sério) a essência de sua adoração de maneira aguada. [...] Arrependimento e santificação são pouco mencionados, e a ênfase é sempre em adorar, mostrando como cantar no culto, sob o comando de algumas pessoas. Aquele é o momento de louvor. O resto do culto não importa.⁶

Há ainda a interessante e constrangedora comparação dos cultos atuais com o conhecido brinquedo de parques de diversão, chamado de carrossel. Os “cultos-carrossel” são cronometrados, com música e movimento o tempo todo, sensações boas e suaves que não oferecem desafios nem perigos. Talvez as pessoas pensem que tenham andado para algum lugar, mas a verdade é que ficaram dando voltas, saindo pela mesma porta em que entraram, levando apenas uma lembrança de momentos agradáveis.⁷

Na realidade, o que existe é uma confusão contemporânea entre o que é louvor e o que é felicidade no culto. A centralização da alegria e do bem-estar faz com que haja enganos na história da Redenção a ser contada no culto. E o mundo não foi ganho por meio desse tipo de sensação, mas sim por meio do sangue de Jesus, do sofrimento de seu povo e da evangelização em circunstâncias geralmente adversas.⁸

O musicólogo e ministro de música Donald P. Hustad também se mostra preocupado com esta circunstância da música no culto. Para ele, toda a afirmação de fé da igreja cristã, tão rica e profunda, pode estar sendo reduzida a frases como “Jesus é o Senhor”, “Jesus te ama” e outras similares. A memória da igreja não importa mais, com a tendência clara de separação por idades ou preferência estética misturada a interesses comerciais no culto, que mais parecerá “divertimento religioso”.⁹ Embora suas impressões tenham sido escritas em 1998, elas mais parecem uma descrição detalhada do que acontece atualmente.

⁶ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Uma ponderação sobre o adoracionismo em nossas igrejas*. Disponível em: <www.adiberj.org/portal/2009/11/21/uma-ponderacao-sobre-o-adoracionismo-de-nossas-igrejas/>. Acesso em: 15 jul. 2013.

⁷ MACARTHUR JR, 2001, p. 127.

⁸ DAWN, Marva. *Reaching out without dumbing down: theology of worship for the turn-of-the-century culture*. Grand Rapid, Michigan: Eerdmann, 1995. p. 87.

⁹ HUSTAD, Donald P. *True worship: reclaiming the wonder & majesty*. Wheaton: Hope Publishing Company, 1998. p. 24.

Com este pano de fundo, mais uma face secular entra no culto atual, o clientelismo. Há sinais de que as pessoas, apoiadas pela tendência atual ao pluralismo ou à múltipla escolha, escolhem suas igrejas, seus cultos e suas músicas de acordo com o que mais lhes agrada. A doutrina bíblica não importa, pois o interesse está apenas naquilo que satisfaz as necessidades imediatas do “cliente”.

Assim, formam-se consumidores da música do culto, mais do que adoradores. Augustus Nicodemus Lopes assim se refere ao assunto:

É preciso que reconheçamos que as tendências modernas em alguns quartéis evangélicos é a de produzir consumidores, muito mais do que reais discípulos de Cristo, pela forma de culto, liturgias, atrações e eventos que promovem. Um retorno às antigas doutrinas da graça, pregada pelos apóstolos e reformadores, enfatizando a glória de Deus como alvo maior do homem, poderá melhorar este estado de coisas.¹⁰

O mesmo autor ainda se refere à mentalidade de “multidão nos dias de Jesus” quando se trata do Reino de Deus. O consumismo, tão presente nos dias atuais, em sua opinião parece “ter achado a porta de entrada da igreja evangélica” e entrado com força, para ficar. Influencia todas as áreas da mesma, desde a escolha das músicas e a forma de culto até as estratégias de crescimento, tendo como alvo a satisfação das pessoas, a atração de mais frequentadores, tornando-os mais felizes, mais alegres e mais satisfeitos.¹¹

Esta situação passa longe dos alvos bíblicos de culto e música. De acordo com a Palavra de Deus, todos os estilos de música deveriam servir para louvar e agradecer a Deus. O apóstolo Paulo enfatiza esta ideia de diversidade na música de culto, exortando as igrejas a cantar “falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor, dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5.19-20). No texto paralelo de Cl 3.16, a diversidade musical entre a comunidade cristã deveria acompanhar a habitação da palavra de Cristo, o ensino e a admoestação ou o aconselhamento mútuo. Em outras palavras, tanto em hinos tradicionais como em cânticos improvisados atuais, parece haver a ênfase na gratidão a Deus, no louvor a Sua pessoa e obra, na preservação da palavra de Cristo nos corações, no ensino e no aconselhamento da doutrina. Referindo-

¹⁰ LOPES, Augustus Nicodemus. *Adoradores ou consumidores?* O outro lado da herança de Charles G. Finney. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/adoracao/adoradores_consumidores.html>. Acesso em: 15 jul. 2013.

¹¹ LOPES, Augustus Nicodemus. *Adoradores ou consumidores?* O outro lado da herança de Charles G. Finney. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/adoracao/adoradores_consumidores.html>. Acesso em: 15 jul. 2013.

se à igreja em Corinto, o mesmo apóstolo reconhece a presença de partes diferentes no culto, que podem ser criativas. Entretanto, recomenda a edificação da igreja como o principal objetivo: “Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, uma revelação, uma palavra em uma língua ou uma interpretação. *Tudo seja feito para a edificação da igreja*” (1Co 14.26). (Grifo da autora)

Isto significa que a glória de Deus deve ser manifestada na edificação da igreja. E como haverá edificação se não for por meio da interpretação fiel de Sua mensagem? Muito mais importante do que satisfazer as pessoas ou exaltar estilos de música e suas bandas de apresentação é a glória do poder de Jesus, e a exatidão do que é ensinado e demonstrado no culto que leva Seu nome no centro. Por isso, a hermenêutica é fundamental para a música do culto.

2. O PAPEL DA HERMENÊUTICA NO ENSINO DA MÚSICA DO CULTO

Barry Liesch aconselha que hinos e cânticos devam servir para unir a congregação, causar a ligação entre crença e sentimentos, inspirar e incentivar a oração, reforçar as doutrinas fundamentais de fé e, além disso, atrair as pessoas à presença de Deus. Esses propósitos devem ser cultivados até que façam parte da vida do povo da igreja.¹² Para que isso aconteça, é necessário que a música da igreja seja escolhida criteriosamente, pois associa a profundidade da letra com o veículo da música em si, causando, na maioria das vezes, mais impacto do que a palavra sozinha.

O poder da música na edificação das pessoas é reconhecido por Klaus Douglass, conhecido escritor, pastor e conferencista alemão na área de desenvolvimento da igreja, reconhecendo seu potencial transformador na vida de todos:

Não consigo imaginar um culto em que a edificação das pessoas não esteja entre as prioridades. A música tem uma função-chave nesta tarefa. A música tem a força de nos puxar para fora do atoleiro de pensamentos e sentimentos negativos. Ela é capaz de consolar, incentivar, libertar; ela consegue dar um novo tom à nossa vida e assim nos capacitar a enfrentar o nosso dia a dia de cristãos com mais ânimo.¹³

A preocupação com a qualidade das letras cantadas é antiga. Martinho Lutero (1483-1546) já havia manifestado, nos primeiros momentos da Reforma Protestante, sua intenção de se utilizar de hinos que o povo pudesse cantar, na sua língua vernácula,

¹² LIESCH, 2003, p. 94.

¹³ DOUGLASS, Klaus. *Celebrando o amor de Deus: o despertar de um novo culto*. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000. p. 63.

como meio de adoração e louvor, acrescido do fator evangelismo e da educação cristã.¹⁴ Seu hino mais conhecido, “Castelo Forte”, é exemplo de suas várias composições fundamentadas na experiência de sua vida, mas também e principalmente no seu conhecimento bíblico.¹⁵

João Calvino (1509-1564) foi ainda mais radical: não permitiu que nenhuma letra que não fosse de fonte bíblica direta fosse cantada pela congregação. Ao compilar um dos primeiros hinários protestantes, chamado de *Saltério Genebrino*, metrificou os salmos para que pudessem ser cantados pela congregação, sendo usado posteriormente por mais de trezentos anos. Em nenhum momento permitiu letras com “composição humana”.¹⁶

Anos mais tarde, os movimentos evangélicos independentes continuaram sua grande preocupação com a fidelidade da interpretação bíblica. Isaac Watts (1674-1748), autor de vários hinos do *Cantor Cristão*, do *Hinário para o Culto Cristão* e outros utilizados pelas igrejas, alterou várias palavras judaicas dos Salmos mas manteve extrema fidelidade à Bíblia.¹⁷ John Wesley (1703-1791) e Charles Wesley (1707-1788), considerados os fundadores do movimento metodista, são considerados pais dos hinos evangelísticos modernos.¹⁸ No prefácio do hinário lançado por eles, John se refere ao padrão que foi exigido dele: assuntos variados, exatidão nos ensinamentos doutrinários, firmeza na salvação, promoção da santidade. Os versos deveriam ser bem escritos, com palavras claras e significativas.¹⁹

A doutrina que está sendo cantada e que demonstra falta de firmeza doutrinária e clareza no sentido de certas letras, traz preocupações aos estudiosos da Bíblia. A música é uma porta de entrada importante para doutrinas e interpretação bíblica. De acordo com o ministro de música Emerson Duarte Brasilino, sua importância não pode ser minimizada na igreja:

Uma das áreas mais importantes na igreja é a música. Muito da teologia que os crentes conhecem foi recebida através da cultura musical da igreja, chegando a eles através dos cânticos e hinos que são repetidos domingo após domingo. Devido a esta influência que a música exerce na teologia da igreja, devemos

¹⁴ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos para o culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal - IEPG, 2001. p. 136. (Série: Teses e Dissertações).

¹⁵ KARNOPP, David. *Música e igreja: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus*. Passo Fundo: Pe. Bertier, 1999. p. 37.

¹⁶ KARNOPP, David, 1999, p. 48.

¹⁷ FREDERICO, 2001, p. 189.

¹⁸ HUSTAD, Donald P. *Jubilate!* Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 129.

¹⁹ FREDERICO, 2001, p. 195.

tomar extremo cuidado com este ministério a fim de que a música executada nos cultos seja de boa qualidade teológica, contendo teologia sadia e cristocêntrica.²⁰

Vale ressaltar que a interpretação bíblica sempre recebe a influência do chamado “pré-conhecimento” do intérprete, que inclui a herança, a comunidade e a vontade, trazendo a tendência a harmonizar os textos de acordo com o sistema de crenças já vigente.²¹ Sem entrar em detalhes a respeito das características da sociedade atual, sabe-se com certeza de que é formada por pessoas materialistas, imediatistas e centralizadas em seus próprios interesses. Dessa forma, os pregadores, especialmente os que se utilizam da mídia na proclamação da mensagem, muitas vezes interpretam a Bíblia em conformidade com os valores seculares. Essa também é a opinião do pastor Dr. Antonio Renato Gusso:

Basta ligarmos o rádio ou a televisão e sintonizarmos em alguns canais ou estações chamadas ‘evangélicas’ para percebermos o quanto isto é praticado em nossos dias. São mensagens que apresentam opiniões da filosofia, sociologia, psicologia e outras mais, além das pessoais daquele pastor ou grupo religioso, respaldadas em textos que nem de longe dizem o que o locutor está dizendo.²²

A música apresentada nos programas e cultos acompanha esta tendência. Grande parte delas centraliza o próprio ser humano, e as passagens bíblicas são usadas para seu benefício. Dessa forma, conhecer Jesus significa dar-se bem na vida, aproveitando ao máximo o que ela oferece de bom.²³ O *kit* básico, sem a influência de uma hermenêutica filtradora, apresenta traços de sincretismo religioso, disseminado pela cultura globalizada homogênea.²⁴

Esta constatação é bastante séria quando se trata da música no culto, considerando-se seu poder de memorização. A própria relação do compositor com seus direitos autorais garante-lhe a liberdade para escrever como quiser, interpretando a doutrina de acordo com seu próprio entendimento. Nota-se, nesse momento, que, além da crise de autoridade, há necessidade de mais músicos teólogos e teólogos músicos no ambiente evangélico de culto.

²⁰ BRASILINO, Emerson Duarte. *Música na igreja*. Disponível em: <www.ibnovajerusalem.org.br/pastorais-mainmenu-25/590-musica-na-igreja>. Acesso em: 15 jul. 2013.

²¹ OUSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 35.

²² GUSSO, Antonio Renato. *Como entender a Bíblia: hermenêutica, orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas*. 7. ed. Curitiba: A. D. Santos, 2013. p. 80.

²³ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 8-9.

²⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 82.

Além disso, há ainda a tendência no pensamento de que o entendimento pessoal a respeito da interpretação bíblica é a mesma coisa que a intenção do Espírito Santo ou do autor humano do texto.²⁵ Aliás, o autor do livro *A espiral hermenêutica* alerta para o perigo do movimento para longe do que as Escrituras realmente afirmam, dando-se primazia ao contexto cultural. Uma das consequências é exatamente a “contextualização sincrética”, que une interesses religiosos às necessidades culturais do público.²⁶

Há várias formas de interpretar a Bíblia, mas a hermenêutica busca o sentido do texto em si, ou seja, o texto, o contexto, os tipos de literatura e o significado geral para o receptor de sua época. De acordo com o Pr. Antonio Renato Gusso, há muitos erros de interpretação trazidos justamente pelo desprezo à mensagem planejada originalmente, para aquele momento específico.²⁷ E, ainda de acordo com o mesmo autor, há o perigo de se procurar no texto a aplicação de sua própria mensagem, ou seja, havendo uma ideia pré-concebida, buscar sua fundamentação bíblica, desconsiderando o seu contexto e a sua mensagem original.²⁸

Estudiosos da Bíblia têm se detido a procurar o método ideal de hermenêutica bíblica. Um dos que tem sido mais aceitos por teólogos protestantes é o chamado “método histórico-gramatical”. Neste, a Bíblia é vista incontestavelmente como Palavra de Deus e o seu texto tem somente um sentido, que é o pretendido pelo autor humano inspirado. Os pontos essenciais são revelados claramente, sendo as diferenças doutrinárias oriundas da própria limitação humana na interpretação. Além disso, há um constante esforço por parte dos intérpretes na revisão de pressupostos teológicos, por meio da compreensão do sentido das palavras e das condições históricas em que foram escritas.²⁹

Ao se considerar estas características, não é difícil afirmar que os mesmos princípios devem nortear as letras dos cânticos e dos hinos que são cultivados e executados pelas igrejas e comunidades evangélicas. Só assim o cântico eclesiástico e sacro poderá servir para o seu devido fim, proposto pela Bíblia, que é a glorificação do próprio nome de Jesus, por meio do ensino claro de Sua mensagem e da adoração consciente e espiritual do Deus de amor, criador do mundo e provedor da maior salvação que o mundo jamais poderia imaginar ou entender. O hino de louvor a Deus deixado pelo apóstolo Paulo O retrata

²⁵ FEE, Gordon D., STUART, Douglas. *O leitor como intérprete*. Parte 1. Disponível em: <www.hermenêutica.com/princípios/leitor_01.html>. Acesso em: 16 jul. 2013.

²⁶ OUSBORNE, 2009, p. 531.

²⁷ GUSSO, 2013, p. 73.

²⁸ GUSSO, 2013, p. 79.

²⁹ LOPES, Augustus Nicodemus. *Por que prefiro o método gramático-histórico de interpretação*. Disponível em: <www.tempora-mores.blogspot.com.br/2006/06/por-que-prefiro-o-mtodo-gramtico-.html>. Acesso em: 21 jul. 2013.

muito bem: “Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e inescrutáveis os Seus caminhos! Pois dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre! Amém!” (Rm 11.33, 36).

3. ALGUNS EXEMPLOS PRÁTICOS

A maioria das músicas que se canta nas igrejas é formada por cânticos em ritmo contemporâneo, compostos nos últimos dez anos. A produção intensa de novas canções, acompanhada por grande número de bandas que as produzem e divulgam o seu produto por meio de *shows*, *clips* e programações especiais das igrejas chamadas popularmente de “louvorzões”, é a fonte mais comum. Dois desses cânticos, conhecidos em todo o país, serão analisados neste trabalho como exemplos. O critério maior será a fidelidade para com a mensagem bíblica, considerando-se o método histórico-gramatical. Não serão analisados o ritmo, a forma da melodia, as expressões corporais que os seguem nem a instrumentação, embora esses fatores também sejam importantes. Também dois hinos tradicionais serão analisados nestes termos.

3.1 Ressuscita-me (Aline Barros, do CD *Extraordinário amor de Deus*)

Mestre, eu preciso de um milagre,
Transforma a minha vida, meu estado,
Faz tempo que não vejo a luz do dia,
Estão tentando sepultar minha alegria
Tentando ver meus sonhos cancelados.

Lázaro ouviu a Sua voz
Quando aquela pedra removeu
Depois de quatro dias ele reviveu.
Mestre, não há outro que possa fazer
Aquilo que só o Teu nome tem todo o poder.
Eu preciso tanto de um milagre.

Refrão: Remove minha pedra, me chama pelo nome,
Muda minha história, ressuscita os meus sonhos.
Transforma minha vida, me faz um milagre,
Me toca nesta hora, me chama para fora.
Ressuscita-me.

O cântico acima é muito popular, e se refere a uma experiência da autora, pessoal ou não, que se sente “morta” em seus sonhos e em sua própria vida, e reconhece

que precisa ser chamada para fora do seu estado por meio da intervenção milagrosa de Jesus. O cântico ainda conta parte da história bíblica de Lázaro, registrada no Evangelho de João, capítulo 11.

O tipo de interpretação usado é o chamado “alegórico”. A palavra “alegoria” já tem o sentido de “outro sentido”, buscando um sentido mais amplo do que o literal. No caso da interpretação bíblica, há evidente preocupação em ligar o texto com a realidade atual (contextualização), mas também apresenta problemas. Os principais são a pouca fidelidade ao texto, a diminuição do caráter histórico dos episódios narrados e a abertura para aplicações absurdas, longe da realidade.³⁰

Estas características estão presentes na interpretação dada ao texto bíblico no cântico. A intenção do autor bíblico foi contar a respeito da ressurreição de Lázaro, exaltando o poder de Jesus sobre a própria morte. É considerado um milagre poderoso, pois, apesar de Jesus ter demonstrado poder, não poderia ser ignorado ou negado pelos líderes judeus.³¹ Mas no referido cântico a pedra não é pedra, mas uma situação externa, trazida pela influência de outras pessoas (“estão tentando sepultar minha alegria e ver meus sonhos cancelados”). A autora não é culpada de nada e se coloca no centro da história, afirmando que precisa do mesmo milagre da Bíblia, pois quer ver ressuscitados os seus sonhos. Também não há a indagação de qual seja a vontade de Deus a respeito deles, pois é ela quem precisa do milagre. Portanto, outro problema da letra do cântico é o antropocentrismo: toda a mensagem gira em torno da necessidade pessoal, e não aponta para o que Deus queria demonstrar à humanidade por meio do acontecimento.

3.2 Tua graça me basta (Luís Arcanjo e Davi Sacer, Ministério Toque no Altar)

Eu não preciso ser reconhecido por ninguém
 A minha glória é fazer que reconheçam a Ti.
 E que diminua eu, para que Tu cresças, Senhor, mais e mais.
 E como os serafins que cobrem o rosto ante a Ti
 Escondo o rosto pra que vejam Tua face em mim,
 E que diminua eu para que cresças, Senhor, mais e mais.
 No Santo dos Santos a fumaça me esconde

³⁰ CHAGAS, Carlos. *Aprendendo sobre o método alegórico de leitura bíblica*. Disponível em: <www.cristaoshoje.blogspot.com.br/2012/08/aprendendo-sobre-o-metodo-alegorico-de.html>. Acesso em: 22 jul. 2013.

³¹ WIERSBE, Warren W. *Novo Testamento I: comentário bíblico expositivo*. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008. v. 1, p. 430.

Só os Teus olhos me veem.
 Debaixo de Tuas asas é o meu abrigo, o meu lugar secreto,
 Só Tua graça me basta, Tua presença é meu prazer.

Este cântico é uma mistura de várias ideias textuais do Novo e do Antigo Testamento. Um dos textos neotestamentários básicos parece ser o de João 3.30: “É necessário que Ele cresça e que eu diminua”. As palavras saem da boca de João Batista e se referem à sua própria pessoa, na expectativa de ver o ministério de Jesus crescer enquanto o seu próprio, já cumprido, vai diminuindo em importância. Assim, o autor parece comparar-se a João Batista na disposição de diminuir sua importância para que Cristo mostre seu poder.

Em seguida, o autor utiliza dois textos do Antigo Testamento, sendo o primeiro de Isaías 6.1-2, em que o profeta observa a glória de Deus em uma visão na qual aparecem serafins ou seres celestiais que cobriam seus rostos. No texto os pés também eram cobertos, e, já que eram seis as suas asas, com as duas restantes eles voavam. Trata-se de uma visão única cujo objetivo era mostrar a santidade e a glória de Deus em contraste com o pecado de Isaías e do povo ao qual pertencia. Mas em nenhum momento o profeta pretendeu esconder o seu rosto. Portanto, o texto é alterado no seu próprio sentido para se adaptar ao restante da letra do cântico.

Logo após, a letra se refere ao “Santo dos Santos”, um lugar onde a fumaça esconde o autor para que seja visto apenas pelos olhos de Deus, como um abrigo sob as suas asas. A ideia bíblica é a presença de Deus entre seu povo, mas não há fumaça neste lugar. O texto de Isaías 6.4 afirma que “o templo ficou cheio de fumaça”, mas o sentido também não é deixar o profeta separado em um lugar secreto, e sim demonstrar a presença sobrenatural de Deus. Aliás, o caminho para Deus não se depara mais com o Santo dos Santos, pois foi definitivamente aberto por Cristo (Hb 9.11-12).

Então, subitamente, outro texto do Novo Testamento é usado: 2 Coríntios 12.9: “Minha graça é suficiente para você”. Esse texto se refere à resposta divina dada a Paulo em relação ao seu pedido de cura do “espinho na carne” (2Co 12.7-8). O contexto desse texto é a suficiência da graça de Deus em relação ao sofrimento humano e ao pedido não atendido conforme a Sua vontade. De qualquer forma, o autor deste cântico pode ser considerado um judaizante, evidenciando uma das características mais presentes nos cânticos atuais, que é a utilização descontextualizada do Antigo Testamento. O Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho assim se refere a esse assunto:

Tem havido uma ênfase muito grande no Antigo Testamento em nossas igrejas. Esta ênfase se nota nas pregações e nos

cânticos. Isto não é mau [...] O problema é que alguns esquecem que somos cristãos, somos regidos pelo Novo Testamento. [...] Muitas práticas e posições têm sido estabelecidas sem o parâmetro do Novo Testamento. Inclusive na área de louvor e adoração. Isto se torna problemático para a igreja. Cristo tem sido empurrado para a periferia em muitas pregações e em muitas celebrações de louvor.³²

3.3 Rude Cruz (Hinário para o culto cristão, n. 132)

Rude cruz se erigiu, dela o dia fugiu
Revelando vergonha e pavor.
Mas eu amo a Jesus, que morreu nesta cruz,
Dando a vida por mim pecador.

Estrilho:

Sim, eu amo a mensagem da cruz,
Suas bênçãos eu vou proclamar.
Levarei eu também minha cruz
‘Té por uma coroa a trocar.

Lá da glória dos céus o Cordeiro de Deus
Ao Calvário humilhante baixou,
E essa cruz tem pra mim atrativos sem fim
Porque nela Ele me resgatou.

Eu aqui, com Jesus a vergonha da cruz
Quero sempre levar e sofrer.
Ele vem me buscar e com Ele no lar
Sua glória pra sempre vou ter.

Este é um dos mais conhecidos hinos do mundo, composto em 1913 por George Bennard. Há muitos arranjos atualizados do mesmo sendo gravados por cantores ou grupos. Sua mensagem é essencialmente cristã e centralizadora da mensagem de salvação vinda da cruz de Cristo. Há uma marcante proeminência dada a ela na mensagem entregue pelos apóstolos. O apóstolo Paulo estava tão convicto desse fato que, na carta aos Coríntios, afirma renunciar à sabedoria do mundo para nada mais conhecer além “de Cristo, e este crucificado” (1Co 2.1-2). Na carta aos Romanos, a ênfase é ainda maior, bem como nos escritos de Pedro, em que aparecem constantes referências à morte de Jesus.³³

³² COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Uma análise dos cânticos nos Evangelhos: o Magnificat e o Benedictus*. Disponível em: <www.luz.eti.br/cr_analisedoscanticos.html>. Acesso em: 22 jul. 2013.

³³ STOTT, John. *A cruz de Cristo*. Trad. João Batista. São Paulo: Vida, 1986. p. 15.

Entretanto, há que se avaliar a letra da última estrofe, que deixa dúvidas quanto à suficiência da morte de Jesus ao afirmar: “Eu aqui com Jesus, a vergonha da cruz, quero sempre levar e sofrer”. No inglês, sua letra original também traz uma expressão semelhante: “*To the old rugged cross I will ever be true. It’s shame and reproach gladly bear*”.³⁴ Portanto, não se trata de uma tradução infiel. A dúvida hermenêutica vem do fato de que Cristo livrou os cristãos do castigo, a fim de que ninguém mais necessitasse sofrer castigo algum nem que houvesse necessidade de alguma penitência a cumprir (Hb 7.27, Rm 5.6-8). Uma tradução mais livre poderia trocar a referida frase por: “Eu aqui com Jesus, a mensagem da cruz quero sempre levar e viver”. Também há palavras arcaicas e em desuso como “rude” ou “erigiu”. Mas, de qualquer forma, esse hino é valioso como centralizador da mensagem evangelística originada no sacrifício de Jesus pelos pecados da humanidade.

3.4 Porque vivo está (Hinário para o culto cristão, n. 137)

Deus enviou Jesus, seu Filho
E seu amor perdão nos dá.
Na cruz morreu por meus pecados
Mas ressurgiu e vivo com o Pai está.

Estrilho:
Porque vivo está o amanhã enfrento.
Sim, vivo está, não temerei,
Pois eu bem sei que é dele o meu futuro,
E a vida vale a pena: Cristo vivo está.

Que belo é um nenezinho
E que prazer um filho dá.
Maior prazer é ter certeza
De um feliz futuro. Cristo vivo está.

Um dia irei passar o rio
Vencer a morte sem temor.
Morrer pra mim será vitória:
Verei a glória de Jesus, meu Salvador.

Este conhecido hino, composto em 1971 por William e Glória Gaither, apesar de tradicional, é muito atual e claro em sua mensagem. Na década de 1970 já se sentia com mais força o desencanto do modernismo, que prometia a suficiência da razão e da técnica, mas que produziu apenas o sentimento de vazio e falta de sentido,

³⁴LOVE REACHING: hymns for the family of God. Tennessee: 1976, n. 256.

característico do pós-modernismo.³⁵ O presente hino possui uma letra que vai de encontro a esse desencanto, proclamando com firmeza que “a vida vale a pena”, já que Cristo está vivo.

Há prazeres verdadeiros, como o nascimento de um filho, mas o maior prazer do mundo é ter certeza do futuro feliz que o Cristo vivo proporciona. Quando a hora da morte chegar (no hino, utilizando a linguagem simbólica de “rio”), não haverá medo, mas apenas a certeza da vitória feliz, coroada pelo encontro com Jesus já glorificado. Essa ideia também é bíblica, e está claramente descrita em I Coríntios 15.55-57: “Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”.

A letra deste hino, portanto, é baseada em textos bíblicos que não sofreram nenhuma alteração de sentido nem foram descontextualizados. Esta é realmente a mensagem evangélica, cantada de forma simples, sem alegorias, sem misturas de assuntos, sem frases desconexas ou que precisem de longas explicações para serem entendidas. Parece que João Calvino, no século XVI, tinha razão quando determinava que a música da igreja, além de ser para Deus, deveria ser cantada pelo povo, portanto sua mensagem seria simples e bíblica.³⁶

CONCLUSÃO

Considerando-se o quadro dos cultos evangélicos atuais, é evidente a necessidade de uma interpretação bíblica fiel ao próprio texto e sua intenção original. Não se pode admitir, como líderes ou como cristãos, que o sentido das palavras cantadas ou faladas durante os cultos sejam distorcidos ou confundidos, graças à falta de critérios hermenêuticos. Grande parte dos desvios doutrinários que estão presentes nas igrejas foi se alastrando vagarosamente por meio de hinos, cânticos, ministrações e pregações. Ao se empregar uma boa e responsável forma de interpretação bíblica será possível evitar problemas futuros de falsas doutrinas e, quem sabe, diminuir a influência das falsas doutrinas que se fazem presentes hoje.

Também serão necessárias coragem e força de vontade para efetuar estas análises. A correnteza evangélica musical segue firme em direção ao que todo mundo aceita,

³⁵ GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. Trad. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 24.

³⁶ KEITH, Edmond D. *Hinódia cristã*. Trad. Bennie May Oliver. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, [s.d.]. p. 70.

da forma como a maioria conhece, com a letra que todos querem ouvir. A cada correção, cântico ou hino barrado ou analisado pelo estudioso da Bíblia, muitas vezes se erguerão na defesa do que já está gravado nas mentes da maioria. Mas há de valer a pena, pois uma das lutas do líder cristão sempre será a dos primeiros cristãos: a fidelidade à Palavra.

Bem que o apóstolo Paulo aconselha o seu filho na fé a prestar atenção, pois tempos difíceis para a doutrina deveriam chegar: “Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente: pregue a Palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina. Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos segundo seus próprios desejos” (2Tm 4.1-3).

Seriam estes os tempos atuais? Não se sabe, mas a solenidade dada à exortação leva a crer que toda a seriedade possível deveria ser utilizada contra as investidas dos que querem torcer a mensagem a seu modo, juntando para si outros “mestres” que ajudem a “coçar as suas orelhas”, pregando o que se quer ouvir e cantando canções para si mesmos. Que os cultos sejam recheados de música cujas letras exaltem a Deus, glorifiquem Seu nome e mostrem o caminho da salvação com clareza, guiados pela ação do Santo Espírito.

REFERÊNCIAS

BASDEN, Paul. **Estilos de louvor**. Trad. Émerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

BÍBLIA de estudo NVI. Tradução das notas: Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

BRASILINO, Emerson Duarte. **Música na igreja**. Disponível em: <www.ibnovajerusalem.org.br/pastorais-mainmenu-25/590-musica-na-igreja>. Acesso em: 15 jul. 2013.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHAGAS, Carlos. **Aprendendo sobre o método alegórico de leitura bíblica**. Disponível em: <www.cristaoshoje.blogspot.com.br/2012/08/aprendendo-sobre-o-metodo-alegorico-de.html>. Acesso em: 22 jul. 2013.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Uma análise dos cânticos nos Evangelhos: o Magnificat e o Benedictus**. Disponível em: <www.luz.eti.br/cr_analisedoscanticos.html>. Acesso em: 22 jul. 2013.

_____. **Uma ponderação sobre o adoracionismo em nossas igrejas**. Disponível em: <www.adiberj.org/portal/2009/11/21/uma-ponderacao-sobre-o-adoracionismo-de-nossas-igrejas/>. Acesso em: 15 jul. 2013.

DAWN, Marva. **Reaching out without dumbing down: a Theology of worship for the turn-of-the-century culture**. Grand Rapids, Michigan: Eerdmann, 1995.

DOUGLAS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus: o despertar de um novo culto**. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **O leitor como intérprete: parte 1**. Disponível em: <www.hermenêutica.com/principios/leitor_01.html>. Acesso em: 16 jul. 2013.

FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. **Cantos para o culto cristão**. São Leopoldo: Sinodal - IEPG, 2001. (Série: Teses e Dissertações).

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. Trad. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GUSSO, Antonio Renato. **Como entender a Bíblia: hermenêutica, orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas**. 7. ed. Curitiba: A. D. Santos, 2013.

HUCKABEE, Davis W. **Estudos em hermenêutica bíblica ou leis de interpretação bíblica**. Disponível em: <www.baptistlinck.com/criacionists/hermeneuticahuckabee.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2013.

HUSTAD, Donald P. **True worship: reclaiming the wonder & majesty**. Wheaton: Hope Publishing Company, 1998.

_____. **Jubilate! A música na igreja**. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986.

KARNOPP, David. **Música e igreja: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus**. Passo Fundo: Pe. Bertier, 1999.

KEITH, Edmond D. **Hinódia cristã**. Trad. Bennie May Oliver. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, [s.d.].

LIESCH, Barry. **Nova adoração: dos hinos tradicionais aos cânticos congregacionais**. Trad. Jorge Camargo. São Paulo: Ecclesia, 2003.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Adoradores ou consumidores? O outro lado da herança de Charles G. Finney**. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/adoracao/adoradores_consumidores.html>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. **Por que prefiro o método gramático-histórico de interpretação**. Disponível em: <www.tempora-mores.blogspot.com.br/2006/06/por-que-prefiro-o-mtodo-gramtico-.html>. Acesso em: 21 jul. 2013.

LOVE REACHING: **hymns for the family of God**. Tennessee: 1976.

MACARTHUR JR, John F. **Nossa suficiência em Cristo: três influências letais que minam sua vida espiritual**. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MCGRATH, Alister. **Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo**. Trad. Hope Gordon da Silva. São Paulo: Shedd, 2007.

OUSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

STOTT, John. **A cruz de Cristo**. Tradução de João Batista. São Paulo: Vida, 1986.

WHITE, James F. **Introduction to a christian worship**. Nashville: [s.n.], 1981.

WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I**: comentário bíblico expositivo. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008. v. 1.